

# em volta da escola

I

A' escola cabe em grande parte o importante papel de transformar pela educação o nível mental dos povos. Isto é por demais sabido. Vem de séculos. Não deve, portanto, manter-se alheia aos novos processos pedagógicos, e tantos dêles nada têm de novos.

A escola em geral mantém-se antiquada, rotineira, e—porque não dizê-lo?—pouco pedagógica. As causas dêsse atraso são várias e profundas. Andam estreitamente ligadas e dependentes dos males que affligem a vida geral dos povos.

Mas, se sob o aspecto económico—o que em toda a obra renovadora é fundamental—se apresenta o problema, dentro das actuaes normas de vida, um tanto difficil de resolver-se, não tanto o seria didacticamente, parece-nos, tratando-se de:

1.º) Melhorar o ambiente das escolas que preparam os professores (referimo-nos especialmente aos do ensino primário) seleccionando criteriosamente todo o seu pessoal.

2.º) Simplificar os programas escolares.

3.º) Tornar mais eficiente a assistencia dos chamados inspectores escolares.

4.º) Dotar cada escola com um fundo de assistencia ás crianças que a frequentam.

Desenvolvamos e justifiquemos como nos parece possivel cada um dêstes pontos.

As escolas onde se formam os novos professores tem sofrido, é certo, com o andar dos tempos, algumas modificações apreciáveis. Assim deixaram já de ser em certos países estabelecimentos de cultura geral para se tornarem escolas de cultura e preparação pedagógica. Mas essa modificação deu-se somente nos seus programas, na sua finalidade e orientação geral. Os corpos docentes, salvo poucas alterações, mantiveram-se os mesmos. Do que resultou regerem os mesmos professores disciplinas novas, ou pelo menos com programas mais vastos, que exigem também uma especializada preparação.

Um médico não é a pessoa indicada para reger a cadeira de Educação Moral e Cívica, nem um diplomado em Matemáticas está á altura de ministrar Pedagogia. Cada professor deve ocupar o lugar que a sua especialidade requer.

Para as escolas anexas, ou seja, aquellas onde os candidatos a professores têm de

ensaiar os seus primeiros passos, deveriam igualmente ser escolhidos como professores efectivos ou permanentes verdadeiros valores do mundo pedagógico, isto é, pedagogos demonstradamente hábeis, conhecedores e praticantes dos mais recentes e justos processos de ensinar e educar.

Não deveria ser, a meu ver, a classificação dum diploma o único motivo de tais nomeações, visto estar bem reconhecido nem sempre a classificação final dum diplomado corresponder ao seu valor como práctico.

Entre os professores de didáctica teórica e os de didáctica prática manter-se-ia estreita colaboração de modo a não se registar falta de coerência, de lógica entre os conhecimentos teóricos e a aplicação prática, incoerência que, existindo, pode levar ao espirito de candidatos menos persistentes e reflectidos a falsa idea da inutilidade dos conhecimentos teóricos. E' talvez devido a isso que a tantos deles pela vida fora se ouve esta afirmação:—*Tôdas as teorias que nos ensinaram nas escolas normais não passam de teorias.*

A certo professor ouvimos em tempos isto: «Rousseau foi um grande pedagogista mas engeitou os seus filhos», querendo significar com isto que a teoria em educação é muito diferente da prática. E' esta uma concepção adoptada por grande número de pessoas... e até por algumas de capital preponderancia no meio social, o que se torna bastante lamentavel.

Das escolas do magistério primário deviam sair todos os agentes dêste ensino. Quere dizer, tanto o ensino official como o particular seria ministrado por professores diplomados officialmente.

Não é isto uma afirmação que pretenda coartar arbitrariamente aos professores de ensino primário particulares o direito de exercerem livremente a sua acção. E' antes reconhecer que, dum modo geral, êsse ensino tem sido exercido por pessoas muito mal preparadas para ensinar, é sobretudo querer libertar a criança que paga dum ambiente que pedagogicamente tem deixado muito a desejar. E' que vive por aí generalizada a erradissima noção de que o ensino primário é de um ensino inferior, e, portanto, simples, como se a diferença entre ensino primário, médio e superior não estivesse principalmente na extensão dos conhecimentos indicados pelos programas. O ensino quando

bem feito, didacticamente é sempre superior.

Uma das grandes difficuldades do ensino primário é constituída pelos programas. A complexidade das diferentes matérias a ministrar e, sobretudo, a acumulação de assuntos muitos deles não só inadequados ás diferentes idades escolares, mas ainda por vezes duma inutilidade flagrante, e até de valor educativo contraproducente. Coloca-se a criança perante assuntos pesados, sem interesse para a sua despreocupada maneira de ser. E de que modo!

Apontemos alguns.

O estudo da geografia, por exemplo, exige no ensino elementar o conhecimento de uma série—mas que série!—de nomes e definições, tais como, cabos, peninsulas, golfos, baías, cordilheiras, afluentes, confluências, etc., etc.; a fixação pormenorizada de serras, rios e linhas férreas; os números exactos de áreas territoriais e das respectivas populações, etc., etc., que só servem para provocar na criança o aborrecimento pelo estudo. Nas chamadas ciências naturais têm os alunos de fixar nomes de ossos, aparelhos, órgãos, etc., como qualquer estudante dos cursos médios.

E para quê, afinal?

Que se cuide de ministrar nestas idades principios de hygiene necessários ao bom funcionamento dos órgãos e aparelhos é aceitavel e útil. Mas estafar a memória infantil com a classificação minuciosa e pormenorizada dêsses órgãos e aparelhos é que achamos anti-pedagógico por ser prematuro e não corresponder a uma necessidade práctica.

Em História, é sabido quanto se abusa da memória. São datas, reinados, nomes e cognomes, batalhas, etc., etc. E o certo é que a *moral do conto fica por saber*, porque quanto a uma apreciação justa e criteriosa dos factos—o que no fim e ao cabo é de maior interesse—fica de parte.

Mas em moral é que a abstracção, a difficuldade e até a metafisica atinge o auge nos programas escolares com as noções de *razão, consciencia, alma, justiça*, etc., etc.

A moral como disciplina nos horários, com tempo lectivo marcado não está certo. Conselhos, explicações e juizos de carácter moral há muitas occasiões para os apresentar e desenvolver durante a vida escolar das crianças. Que ma-

nanciaes de reparos e lições educativas se podem apresentar aos olhos dos alunos estabelecendo conclusões sobre os seus próprios actos ou provocando imitações dos actos do professor. Uma lição isolada e explicada sem motivo immediato que a reclame tem o valor do conhecido ditado: «Bem prega Frej Tomás»...

O processo das *reacções naturais* applicado a tempo é bem mais produtivo. Uma criança que se nega a auxillar um companheiro está em condições de compreender, medianamente intelligente e oportuna interferencia do mestre, quanto de injusto tem o seu egoismo. O aluno que suja o chão da escola com papeis ou tinta, quando levado a reparar êle próprio, limpando o soalho, o mal praticado ficará sabendo valorizar melhor o trabalho da empregada que se ocupa da limpeza do edificio escolar. São tantos os motivos e as occasiões para as verdadeiras lições de moral! Para quê então uma hora especialmente destinada a ensinar a proceder?

O ensino vivido é sempre o melhor ensino. A moral em teoria basta nos diferentes trechos dos livros de literatura infantil, contos, histórias e fábulas,—mas não das que primam pelo exagêro e pela mentira, tais como aquellas onde entram animais a falar, aparições mitológicas, etc., que são um testemunho evidente da pobreza de imaginação dos seus autores e uma forma irreal, de despertar impressões morais, deixando impressa na mentalidade infantil, ainda em formação, noções erradas ou duvidosas quando não despertam e alimentam sentimentos depressivos como o medo, a ausencia do livre exame, etc.

Em educação fisica cai-se neste erro bastante grave: quando se praticam exercicios dêste género intensifica-se a gymnastica sueca e dá-se aos jogos infantis um lugar secundário. São as atitudes passivas de *sentido, a forma*, os exercicios lentos de *elevação e flexão dos membros, a torsão do pescoço*, etc., que servem grandemente para apparatus paradas em público, para exhibicionismos pretenciosos mas que pouco attendem ao interesse da criança naturalmente activa, bulhosa e expansiva. Entre uma metódica lição de gymnastica ministrada pelo professor com aspecto grave, militarista e o mesmo espaço de tempo vivido livremente pelos escola-

(Continua na página seguinte)